



PAPA FRANCISCO



*Amigos
do Senhor*



As personagens da Bíblia que
marcaram a vida da humanidade

ÍNDICE

HOMENS E MULHERES DO ANTIGO TESTAMENTO

1. Adão	7
2. Eva	19
3. Caim e Abel	22
4. Noé	27
5. Abraão, Sara e Isaac	31
6. Jacob, Raquel e doze filhos	45
7. Moisés, Maria e Aarão	47
8. Josué	66
9. Gedeão, Judite e outros juízes de Israel	67
10. Samuel, Elias e Ana	70
11. Saul	75
12. David	79
13. Salomão	91
14. Elias	94
15. Eliseu	98
16. Job	99
17. Coélet	103
18. Tobias, Tobit e Sara	105
19. Jonas	112
20. Isaías	118
21. Jeremias	127

22. Ezequiel	134
23. Amós	137
24. Oseias	139

HOMENS E MULHERES DO NOVO TESTAMENTO

25. Maria	145
26. José	157
27. Os pastores	167
28. Os Reis Magos	169
29. Simeão e Ana	174
30. As crianças inocentes	177
31. João Batista	180
32. Pedro	187
33. Tiago	197
34. João	200
35. A mãe de Tiago e João	203
36. Natanael (Bartolomeu)	204
37. A Samaritana	206
38. Zaqueu	210
39. Mateus	218
40. O fariseu e a pecadora	221
41. Uma multidão de personagens em busca do amor ...	224
42. Marta, Maria e Lázaro	229
43. Judas	234
44. Maria Madalena e as outras mulheres	237
45. Os discípulos de Emaús	242
46. Tomé	246
47. Paulo	249

HOMENS E MULHERES
DO ANTIGO TESTAMENTO



1

Adão

Jesus não só leva aos seus ombros a humanidade, mas tem o seu rosto tão chegado ao de Adão que os dois rostos parecem fundir-se num só.

DISCURSO, 2 DE ABRIL DE 2016

«Sê criativo»

O senhor disse uma palavra que me agrada muito. É uma palavra divina, se é humana é porque é um dom de Deus: *criatividade*. Foi o mandamento que Deus deu a Adão: «Vai e faz crescer a Terra. Sê *criativo*.»

DISCURSO, 26 DE JULHO DE 2014

Alguém a perdoar

Num livro de teologia que tinha escrito acerca de Adão, Santo Ambrósio medita sobre a história da criação do mundo e diz que cada dia, depois de ter criado algo — a Lua, o Sol ou os animais —, Deus diz: «E Deus viu que isto era bom!» Mas, quando criou o homem e a mulher, a Bíblia diz: «Viu que era muito bom.» E Santo Ambrósio interroga-se: «Mas por que motivo Deus diz que é “muito bom”? Por que razão se sente Deus tão feliz depois da criação do homem e da mulher?» Porque no final tinha alguém a quem perdoar.

E isto é bonito: a alegria de Deus é perdoar, o ser de Deus é a misericórdia.

AUDIÊNCIA GERAL, 9 DE DEZEMBRO DE 2015

Do bom uso da liberdade

Precisamente porque Deus nos criou à sua imagem, recebemos também aquela dádiva que é *a liberdade*. Contudo, se não for bem exercitada, a liberdade pode afastar-nos de Deus, pode fazer-nos perder a dignidade com a qual Ele nos revestiu. Por isso, são necessárias orientações, indicações e inclusive regras, tanto na sociedade como na Igreja, para nos ajudar a cumprir a vontade de Deus, vivendo deste modo em conformidade com a nossa dignidade de homens e de filhos de Deus. Quando não é plasmada pelo Evangelho, a liberdade pode transformar-se em escravidão: a escravidão do pecado. Afastando-se da vontade divina, os nossos antepassados Adão e Eva caíram no pecado, ou seja, no mau uso da liberdade. Caros jovens, caras jovens, não façais mau uso da vossa liberdade! Não desperdiceis a grande dignidade de filhos de Deus que vos foi conferida!

DISCURSO, 5 DE AGOSTO DE 2014

Faltava alguma coisa a Adão...

Lemos que o Senhor, depois de ter criado o céu e a terra, «plasmou, pois, o homem do barro da terra, soprou nas suas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se um ser vivo» (Gn 2, 7). É o ápice da criação. Mas falta algo: em seguida, Deus coloca o homem num lindo jardim, para que o cultive e preserve (Gn 2, 15).

O Espírito Santo, que inspirou a Bíblia inteira, sugere por um momento a imagem do homem só — falta-lhe algo — sem a mulher. E sugere o pensamento de Deus, quase o sentimento

de Deus que o vê, que observa Adão sozinho no jardim: é livre, é senhor... mas está sozinho. E Deus observa que isto «não é bom»: é como uma falta de comunhão, falta-lhe uma comunhão, há uma falta de plenitude. «Não é bom» — diz Deus — e acrescenta: «quero oferecer-lhe uma ajuda que lhe seja adequada» (Gn 2, 18).

AUDIÊNCIA GERAL, 22 DE ABRIL DE 2015

A solidão de Adão e a nossa

Adão vivia no Paraíso, impunha os nomes às outras criaturas, exercendo um domínio que demonstra a sua indiscutível e incomparável superioridade, e contudo sentia-se só, porque «*não encontrou auxiliar semelhante a ele*» (Gn 2, 20) e sentia a solidão.

A solidão, o drama que ainda hoje aflige muitos homens e mulheres. Penso nos idosos abandonados até pelos seus entes queridos e pelos próprios filhos; nos viúvos e nas viúvas; em tantos homens e mulheres, deixados pela sua esposa e pelo seu marido; em muitas pessoas que se sentem realmente sozinhas, não compreendidas nem escutadas; nos migrantes e prófugos que escapam de guerras e perseguições; e em tantos jovens vítimas da cultura do consumismo, do «usa e joga fora» e da cultura do descarte.

Hoje vive-se o paradoxo dum mundo globalizado onde vemos tantas habitações de luxo e arranha-céus, mas o calor da casa e da família é cada vez menor; muitos projetos ambiciosos, mas pouco tempo para viver aquilo que foi realizado; muitos meios sofisticados de diversão, mas há um vazio cada vez mais profundo no coração; tantos prazeres, mas pouco amor; tanta liberdade, mas pouca autonomia... Aumenta cada vez mais o número das pessoas que se sentem sozinhas, e também daquelas que se fecham no egoísmo, na melancolia, na violência destrutiva e na escravidão do prazer e do deus-dinheiro.

Em certo sentido, hoje vivemos a mesma experiência de Adão: tanto poder acompanhado por tanta solidão e vulnerabilidade; e ícone disso mesmo é a família.

HOMILIA, 4 DE OUTUBRO DE 2015

Adão descobre a reciprocidade

Deus apresenta ao homem todos os animais; o homem dá um nome a cada um deles — e esta é outra imagem do senhorio do homem sobre a criação —, mas em nenhum animal encontra alguém semelhante a si mesmo. O homem continua sozinho. Quando, finalmente, Deus apresenta a mulher, o homem reconhece, exultante, que aquela criatura — e somente aquela — faz parte dele: «osso dos meus ossos, carne da minha carne» (*Gn 2, 23*). Finalmente há um reflexo, uma reciprocidade. Quando uma pessoa — trata-se de um exemplo para compreender bem isto — quer dar a mão à outra, deve tê-la diante de si: se alguém dá a mão, mas não há ninguém à sua frente, a mão permanece ali... falta-lhe a reciprocidade. Assim era o homem, pois faltava-lhe algo para alcançar a sua plenitude, faltava-lhe a reciprocidade. A mulher não é uma «réplica» do homem; ela deriva diretamente do gesto criador de Deus. A imagem da «costela» não exprime de modo algum uma inferioridade ou subordinação, mas, pelo contrário, que o homem e a mulher são da mesma substância, são complementares, e que também possuem esta reciprocidade.

AUDIÊNCIA GERAL, 22 DE ABRIL DE 2015

Adão sonha com Eva... e depois encontra-a

E a constatação de que Deus plasma a mulher enquanto o homem dorme ressalta precisamente que ela não é de modo

algum uma criatura do homem, mas de Deus. E sugere também algo mais: para encontrar a mulher — e, podemos dizer, para encontrar o amor na mulher —, o homem deve primeiro sonhá-la e depois encontrá-la.

AUDIÊNCIA GERAL, 22 DE ABRIL DE 2015

Curar a solidão a dois

Deste encontro, que cura a solidão, surge a geração e a família. Este é um segundo detalhe, que podemos evidenciar: Adão, que é também o homem de todos os tempos e de todas as regiões do nosso planeta, juntamente com a sua esposa dá origem a uma nova família, como afirma Jesus citando o Génesis: «Unir-se-á à sua mulher e serão os dois um só» (*Mt* 19, 5; cf. *Gn* 2, 24). No original hebraico, o verbo «unir-se» indica uma estreita sintonia, uma adesão física e interior, a ponto de se utilizar para descrever a união com Deus, como canta o orante: «A minha alma está unida a Ti» (*Sl* 63, 9). Deste modo, evoca-se a união matrimonial não apenas na sua dimensão sexual e corpórea, mas também na sua doação voluntária de amor. O fruto desta união é «tornar-se uma só carne», quer no abraço físico, quer na união dos corações e das vidas e, porventura, no filho que nascerá dos dois e, em si mesmo, há de levar as duas «carnes», unindo-as genética e espiritualmente.

AMORIS LAETITIA, N.º 13

Adão, procura Eva!

Se não encontrarmos um sobressalto de simpatia por esta aliança, capaz de proteger as novas gerações contra a desconfiança e a indiferença, os filhos virão ao mundo cada vez mais desenraizados da mesma, desde o ventre materno.

A desvalorização social da aliança estável e generativa do homem e da mulher é, sem dúvida, uma perda para todos. Devemos restituir a honra ao matrimônio e à família! A Bíblia diz algo muito bonito: o homem encontra a mulher; eles encontram-se, e o homem deve deixar algo para a encontrar plenamente. Por isso, o homem deixará o seu pai e a sua mãe para ir ao encontro da mulher. É bonito! Isto significa começar a percorrer um novo caminho. O homem é todo para a mulher, e a mulher é inteiramente para o homem.

AUDIÊNCIA GERAL, 22 DE ABRIL DE 2015

Como Lúcifer contagiou Adão e Eva

O mal tem a sua origem num ato de orgulho espiritual e nasce da soberba de uma criatura perfeita, Lúcifer. Depois, contagia Adão e Eva, mas encontrando apoio no seu «desejo de ser como deuses», não na sua fragilidade.

DISCURSO, 2 DE MARÇO DE 2017

Suspeita e desconfiança são as portas para a desobediência

A confiança que Deus tem no homem e na mulher, aos quais confia a terra, é generosa, direta e completa. Confia neles. No entanto, eis que o maligno introduz na sua mente a suspeita, a incredulidade e a desconfiança. Enfim, chega a desobediência ao mandamento que os salvaguardava. Caem naquele delírio de onipotência que polui tudo e destrói a harmonia. Também nós o sentimos dentro de nós muitas vezes, todos!

AUDIÊNCIA GERAL, 22 DE ABRIL DE 2015

Uma *fake news* na origem do pecado: a lógica da serpente

Trata-se da estratégia utilizada pela serpente — «o mais astuto de todos os animais», como diz o livro do *Génesis* (cf. *Gn* 3, 1–15) —, a qual se tornou, nos primórdios da humanidade, artífice da primeira *fake news*, que levou às trágicas consequências do pecado, concretizadas depois no primeiro fratricídio (cf. *Gn* 4) e em inúmeras outras formas de mal contra Deus, o próximo, a sociedade e a criação. A estratégia deste habilidoso «pai da mentira» (*Jo* 8, 44) é precisamente a *mimese*, uma rastejante e perigosa sedução que abre caminho no coração do homem com argumentações falsas e aliciantes. De facto, na narração do pecado original, o tentador aproxima-se da mulher, fingindo ser seu amigo e interessar-se pelo seu bem. Começa o diálogo com uma afirmação verdadeira, mas só em parte: «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de *alguma* árvore do jardim?» (*Gn* 3, 1). Na realidade, o que Deus dissera a Adão não foi que não comesse de *nenhuma* árvore, mas apenas *de uma* árvore: «Não comas o [fruto] da árvore do conhecimento do bem e do mal» (*Gn* 2, 17). Retorquindo, a mulher explica isso mesmo à serpente, mas deixa-se atrair pela sua provocação: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim; mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: “Nunca o deveis comer nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis”» (*Gn* 3, 2–3). Esta resposta tem sabor a legalismo e pessimismo: dando crédito ao falsário e deixando-se atrair pela sua apresentação dos factos, a mulher extravai-se. Em primeiro lugar, dá ouvidos à sua réplica tranquilizadora: «Não, não morrereis» (*Gn* 3, 4). Depois a argumentação do tentador assume uma aparência credível: «Deus sabe que, no dia em que comerdes [desse fruto], abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal» (*Gn* 3, 5). Enfim, ela chega a desconfiar da recomendação paterna de Deus, que tinha em vista o seu bem, para seguir

o aliciamento sedutor do inimigo: «Vendo a mulher que o fruto devia ser bom para comer, pois era de atraente aspeto [...] agarrou do fruto, comeu [...]» (Gn 3, 6). Este episódio bíblico revela assim um facto essencial para o nosso tema: nenhuma desinformação é inofensiva; antes pelo contrário, fiar-se daquilo que é falso produz consequências nefastas. Mesmo uma distorção da verdade aparentemente leve pode ter efeitos perigosos.

DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, 13 DE MAIO DE 2018

Adão, onde estás? Homem, onde estás?

«Adão, onde estás?» (cf. Gn 3, 9).

Onde estás, ó homem? Onde foste parar?

Nesta pergunta, há toda a dor do Pai que perdeu o filho.

O Pai conhecia o risco da liberdade; sabia que o filho teria podido perder-se... mas talvez nem mesmo o Pai pudesse imaginar tal queda, tal abismo!

Aquele grito, «Onde estás?», ressoa aqui, perante a tragédia incomensurável do Holocausto, como uma voz que se perde num abismo sem fundo...

Homem, quem és? Já não te reconheço.

Quem és, ó homem? Quem te tornaste?

De que horrores foste capaz?

Que foi que te fez cair tão baixo?

Não foi o pó da terra, da qual foste tirado. O pó da terra é coisa boa, obra das minhas mãos.

Não foi o sopro de vida que insuflei nas tuas narinas. Aquele sopro vem de Mim, é algo muito bom (cf. Gn 2, 7).

Não, este abismo não pode ser somente obra tua, das tuas mãos, do teu coração... Quem te corrompeu? Quem te desfigurou?

Quem te contagiou a presunção de te apoderares do bem e do mal?

Quem te convenceu que eras deus? Não só torturaste e assassinaste os teus irmãos, mas ofereceste-os em sacrifício a ti mesmo, porque te erigiste em deus.

Hoje voltamos a ouvir aqui a voz de Deus: «Adão, onde estás?»

VISITA AO MEMORIAL DE YAD VASHEM, 26 DE MAIO DE 2014

Paternalismos, machismos, mercantilizações: é o que o pecado de Adão revela

O pecado gera desconfiança e divisão entre o homem e a mulher. A sua relação será ameaçada por mil formas de prevaricação e de subjugação, de sedução enganadora e de prepotência humilhante, até às mais dramáticas e violentas. A história tem em si os vestígios disto. Pensemos, por exemplo, nos excessos negativos das culturas patriarcais. Pensemos nas múltiplas formas de machismo, quando a mulher era considerada de segunda classe. Pensemos na instrumentalização e comercialização do corpo feminino na cultura mediática contemporânea. Mas pensemos inclusive na recente epidemia de desconfiança, de ceticismo e até de hostilidade, que se propaga na nossa cultura — de maneira particular, a partir de uma compreensível desconfiança das mulheres — a propósito de uma aliança entre o homem e a mulher, que seja capaz de aperfeiçoar a intimidade da comunhão e, ao mesmo tempo, de salvaguardar a dignidade da diferença.

AUDIÊNCIA GERAL, 22 DE ABRIL DE 2015

Adão acusa e não pede desculpa

Em geral, cada um de nós está pronto para acusar o nosso próximo, justificando-nos assim a nós mesmos. Isto teve início a partir do nosso pai Adão, quando Deus lhe perguntou: «Adão,

comeste por acaso daquele fruto?» «Eu? Não! Foi ela que me mo deu!» Acusar o outro para não dizer «desculpa», «perdão». Trata-se de uma história antiga!

DISCURSO, 14 DE FEVEREIRO DE 2014

Deus procura, Adão envergonha-se

Depois do pecado, Adão sente vergonha, sente-se nu, sente remorso por aquilo que fez; e todavia Deus não o abandona: se naquele momento começa o exílio longe de Deus, com o pecado, também já existe a promessa do regresso, a possibilidade de regressar a Ele. Imediatamente Deus pergunta: «Adão, onde estás?» Deus procura-o. Jesus ficou nu por nós, tomou sobre Si a vergonha de Adão, da nudez do seu pecado, para lavar o nosso pecado: pelas suas chagas, fomos curados. Recordai-vos do que diz São Paulo: de que poderei eu gloriar-me senão da minha fraqueza, da minha pobreza? É precisamente sentindo o meu pecado, olhando o meu pecado que posso ver e encontrar a misericórdia de Deus, o seu amor, e ir até Ele para receber o seu perdão.

HOMILIA, 7 DE ABRIL DE 2013

Dai-nos, Senhor, a vergonha

Da terra, levanta-se um gemido submisso: Tende piedade de nós, Senhor!

Para Vós, Senhor nosso Deus, a justiça; para nós, estampada no rosto a desonra, a vergonha (cf. *Bar 1, 15*).

Veio sobre nós um mal como nunca tinha acontecido sob a abóbada do céu (cf. *Bar 2, 2*).

Agora, Senhor, escutai a nossa oração, escutai a nossa súplica, salvai-nos pela vossa misericórdia.

Salvai-nos desta monstruosidade.

Senhor, todo-poderoso, uma alma, na sua angústia, clama por Vós. Escutai, Senhor, tende piedade!

Pecamos contra Vós. Vós reinais para sempre (cf. *Bar* 3, 1–2).

Lembrai-Vos de nós na vossa misericórdia. Dai-nos a graça de nos envergonharmos daquilo que, como homens, fomos capazes de fazer, de nos envergonharmos desta máxima idolatria, de termos desprezado e destruído a nossa carne, aquela que Vós formastes da lama, aquela que vivificastes com o vosso sopro de vida.

Nunca mais, Senhor, nunca mais!

«Adão, onde estás?»

Eis-nos aqui, Senhor, com a vergonha daquilo que o homem, criado à vossa imagem e semelhança, foi capaz de fazer.

Lembrai-Vos de nós na vossa misericórdia!

VISITA AO MEMORIAL DE YAD VASHEM, 26 DE MAIO DE 2014

O homem que se esconde

A vergonha é um sentimento íntimo que incide na vida pessoal e requer por parte do confessor uma atitude de respeito e encorajamento. Muitas vezes a vergonha faz emudecer e... O gesto, a linguagem dos gestos. Desde as primeiras páginas a Bíblia fala da vergonha. Depois do pecado de Adão e Eva, o autor sagrado escreve imediatamente: «Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, entrelaçaram folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas como se fossem cinturões, à volta dos rins» (*Gn* 3, 7). A primeira reação desta vergonha é esconder-se diante de Deus.

DISCURSO, 9 DE FEVEREIRO DE 2016

Deus fez a primeira obra de misericórdia

A título de exemplo, basta pensar na obra de misericórdia corporal *vestir quem está nu* (cf. *Mt* 25, 36. 38. 43. 44). A mesma nos reconduz aos primórdios, ao jardim do Éden, quando Adão e Eva descobriram que estavam nus e, ouvindo aproximar-Se o Senhor, tiveram vergonha e esconderam-se (cf. *Gn* 3, 7–8). Sabemos que o Senhor castigou-os; no entanto, Ele «fez a Adão e à sua mulher túnicas de peles e vestiu-os» (*Gn* 3, 21). A vergonha é superada e a dignidade restituída.

MISERICORDIA ET MISERA, n.º 19

Deus cobre cada homem com vestes de pele

A preservação desta aliança entre o homem e a mulher, embora sejam pecadores e feridos, estejam confundidos e humilhados, desanimados e incertos, é para nós, crentes, uma vocação exigente e cheia de paixão nas condições de hoje. A mesma narração da criação e do pecado, na sua conclusão, confia-nos um ícone muito bonito: «O Senhor Deus fez vestes de pele para Adão e para a sua mulher, e vestiu-os» (*Gn* 3, 21). Trata-se de uma imagem de ternura em relação àquele casal de pecadores, que nos deixa boquiabertos: a ternura de Deus pelo homem e pela mulher! É uma imagem de guarda paternal do casal humano. É o próprio Deus quem cuida e salvaguarda a sua obra-prima!

AUDIÊNCIA GERAL, 22 DE ABRIL DE 2015

2

Eva

A mulher traz algo sem o qual o mundo não seria assim.

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DE SANTA MARTA, 9 DE FEVEREIRO DE 2017

Eva e Adão, corações que se assemelham

O coração de Deus, ao ver a solidão de Adão, ficou como que entristecido e disse: «*Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele*» (Gn 2, 18). Estas palavras demonstram que nada torna tão feliz o coração do homem como um coração que lhe seja semelhante, lhe corresponda, o ame e tire da solidão e de sentir-se só. Demonstram também que Deus não criou o ser humano para viver na tristeza ou para estar sozinho, mas para a felicidade, para partilhar o seu caminho com outra pessoa que lhe seja complementar; para viver a experiência maravilhosa do amor, isto é, amar e ser amado; e para ver o seu amor fecundo nos filhos.

HOMILIA, 4 DE OUTUBRO DE 2015

A sexualidade, o que há de «mais belo» na Criação

A sexualidade, o sexo, é um dom de Deus. Nenhum tabu. É um dom de Deus, um dom que o Senhor nos oferece. Tem duas finalidades: amar-se e gerar vida. É uma paixão, é o amor

apaixonado. O verdadeiro amor é apaixonado. O amor entre um homem e uma mulher, quando é apaixonado, leva-te a dar a vida para sempre. Sempre. E a dá-la com o corpo e a alma. Quando Deus criou o homem e a mulher, a Bíblia diz que ambos são imagem e semelhança de Deus. Ambos, não só Adão ou só Eva, mas ambos — *ensemble* — ambos. E Jesus vai além e diz: por isso o homem, e também a mulher, deixará seu pai e sua mãe e se unirão e serão... um só?... uma só identidade?... uma só fé de matrimónio?... *Uma só carne*: esta é a grandeza da sexualidade, assim, com esta dimensão: do amor entre homem e mulher para toda a vida. É verdade que as nossas debilidades, as nossas quedas espirituais, nos levam a usar a sexualidade fora deste caminho tão belo, do amor entre o homem e a mulher. Mas são quedas, como todos os pecados. A mentira, a ira, a gula... São pecados: pecados capitais. Mas esta não é a sexualidade do amor: é a sexualidade «coisificada», separada do amor e usada por divertimento. É interessante que a sexualidade é o ponto mais belo da criação, no sentido que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus, e a sexualidade é a mais atacada pela mundanidade, pelo espírito do mal. Diz-me: Tu viste, por exemplo — não sei se em Grenoble existe —, mas tu viste uma indústria da mentira, por exemplo? Não. Mas viste uma indústria da sexualidade separada do amor? Sim! Ganha-se muito dinheiro com a indústria da pornografia, por exemplo. É uma degeneração em relação ao nível que Deus lhe atribuiu. E com este comércio ganha-se muito dinheiro. Mas a sexualidade é grande: preservai a vossa dimensão sexual, a vossa identidade sexual. Preservai-a bem. E preparai-a para o amor, para a inserir naquele amor que vos acompanhará por toda a vida.

DISCURSO, 17 DE SETEMBRO DE 2018

Eva e a harmonia

Adão não podia ser uma só carne com as aves, com o cão, com o gato, com todos os animais, com toda a criação: não, não! Só com a mulher, e isto é o destino, isto é o futuro, isto era o que faltava. E a mulher vem assim coroar a criação, mais ainda: traz harmonia à criação. Por conseguinte, quando não há a mulher, falta a harmonia. Também nós dizemos, falando: esta é uma sociedade com uma forte atitude masculina. Falta a mulher. E talvez afirmemos inclusive que a mulher serve para lavar os pratos, para fazer... Pelo contrário: a mulher serve para trazer harmonia; sem a mulher não há harmonia. O homem e a mulher não são iguais, um não é superior ao outro, não. É simplesmente que o homem não traz harmonia: é ela que traz aquela harmonia que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bonita.

*MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DE SANTA MARTA, 9 DE FEVEREIRO DE 2017*

A culpa não é da mulher

Muitos julgam que a mudança ocorrida nestas últimas décadas foi causada pela emancipação da mulher. Mas nem sequer este argumento é válido, é falso, não é verdade! Trata-se de uma forma de machismo, que quer sempre dominar a mulher. Nós fazemos a má figura que fez Adão, quando Deus lhe disse «Por que motivo comeste o fruto da árvore», e ele retorquiu: «Foi a mulher que mo deu.» E a culpa é da mulher. Coitada da mulher! Devemos defender as mulheres!

AUDIÊNCIA GERAL, 29 DE ABRIL DE 2015

3

Caim e Abel

Caim não chorou. Não conseguiu chorar.

*Hoje, a sombra de Caim estende-se sobre nós aqui,
neste cemitério.*

*Vê-se aqui! Vê-se na história que vem desde 1914 até
aos dias de hoje.*

E vê-se também nos nossos dias.

HOMILIA, 13 DE SETEMBRO DE 2014

A origem da sociedade

Segundo a narração das origens, todos os homens provêm dos mesmos pais, de Adão e Eva, casal criado por Deus à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26), do qual nascem Caim e Abel. Na história desta família primigénia, lemos a origem da sociedade, a evolução das relações entre as pessoas e os povos.

DIA MUNDIAL DA PAZ, 1 DE JANEIRO DE 2014

A difícil vocação de ser irmão de alguém

Abel é pastor, Caim é agricultor. A sua identidade profunda e, conjuntamente, a sua vocação é *serem irmãos*, embora na diversidade da sua atividade e cultura, da sua maneira de se relacionarem com Deus e com a criação. Mas o assassinato de Abel

por Caim atesta, tragicamente, a rejeição radical da vocação a ser irmãos. A sua história (cf. *Gn* 4, 1–16) põe em evidência o difícil dever, a que todos os homens são chamados, de viver juntos, cuidando uns dos outros.

DIA MUNDIAL DA PAZ, 1 DE JANEIRO DE 2014

Abel, que procura Deus com sinceridade no coração

Que outra recompensa poderia Deus oferecer àqueles que O buscam, senão deixar-Se encontrar a Si mesmo? Ainda antes de Henoc, encontramos a figura de Abel, de quem se louva igualmente a fé, em virtude da qual foram agradáveis a Deus os seus dons, a oferenda dos primogénitos dos seus rebanhos (cf. *Heb* 11, 4). O homem religioso procura reconhecer os sinais de Deus nas experiências diárias da sua vida, no ciclo das estações, na fecundidade da terra e em todo o movimento do universo. Deus é luminoso, podendo ser encontrado também por aqueles que O buscam de coração sincero.

LUMEN FIDEI, n.º 35

Caim mata por inveja

Caim, não aceitando a predileção de Deus por Abel, que Lhe oferecia o melhor do seu rebanho — «o Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta» (*Gn* 4, 4–5) —, mata Abel por inveja. Desta forma, recusa reconhecer-se irmão, relacionar-se positivamente com ele, viver diante de Deus, assumindo as suas responsabilidades de cuidar e proteger o outro. À pergunta com que Deus interpela Caim — «onde está o teu irmão?» —, pedindo-lhe contas da sua ação, responde: «Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?» (*Gn* 4, 9).

Depois — diz-nos o livro do Génesis: «Caim afastou-se da presença do Senhor» (4, 16).

DIA MUNDIAL DA PAZ, 1 DE JANEIRO DE 2014

Assim falam os assassinos

No início da Bíblia, lê-se aquela frase terrível que saiu dos lábios do primeiro homicida, Caim, depois de o Senhor lhe ter perguntado onde está o seu irmão. Caim respondeu: «Não sei! Sou porventura eu o guarda do meu irmão?» (*Gn 4, 9*).

Assim falam os assassinos: «não me diz respeito», «são problemas teus», e outras frases semelhantes. Procuremos responder a esta pergunta: somos nós os guardas dos nossos irmãos? Sim, somos! Somos guardas uns dos outros! E este é o caminho da vida, é a vereda do não assassinio.

AUDIÊNCIA GERAL, 17 DE OUTUBRO DE 2018

Somos todos filhos do mesmo Pai, mas todos podemos trair como Caim

Devemos interrogar-nos sobre os motivos profundos que induziram Caim a ignorar o vínculo de fraternidade e, simultaneamente, o vínculo de reciprocidade e comunhão que o ligavam ao seu irmão Abel. O próprio Deus denuncia e censura a Caim a sua contiguidade com o mal: «o pecado deitar-se-á à tua porta» (*Gn 4, 7*). Mas Caim recusa opor-se ao mal e decide igualmente «lançar-se sobre o irmão» (*Gn 4, 8*), desprezando o projeto de Deus. Deste modo, frustra a sua vocação original para ser filho de Deus e viver a fraternidade.

A narração de Caim e Abel ensina que a humanidade traz inscrita em si mesma uma vocação à fraternidade, mas também a possibilidade dramática da sua traição. Disso mesmo

dá testemunho o egoísmo diário, que está na base de muitas guerras e injustiças: na realidade, muitos homens e mulheres morrem pela mão de irmãos e irmãs que não sabem reconhecer-se como tais, isto é, como seres feitos para a reciprocidade, a comunhão e a doação.

DIA MUNDIAL DA PAZ, 1 DE JANEIRO DE 2014

Quando a relação fraternal se corrompe

Sabemos que, *quando a relação fraternal se corrompe*, quando se desvirtua o relacionamento entre os irmãos, se abre caminho para dolorosas experiências de conflito, traição e ódio. A narração bíblica de Caim e Abel constitui o exemplo deste resultado negativo. Após o assassinio de Abel, Deus pergunta a Caim: «Onde está o teu irmão Abel?» (Gn 4, 9a). É uma interrogação que o Senhor continua a repetir a cada geração. E infelizmente, em cada geração, não cessa de se repetir também a dramática resposta de Caim: «Não sei. Sou porventura eu o guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9b). A rutura do vínculo entre irmãos é algo desagradável e negativo para a humanidade. Também em família, quantos irmãos discutem por causa de coisas insignificantes, ou de uma herança, e depois deixam de comunicar, de se saudar uns aos outros. Isto é feio! A fraternidade é algo grandioso, quando se pensa que todos os irmãos habitaram o ventre da mesma mãe, durante nove meses, e vêm da carne da mesma mãe! E não se pode interromper a fraternidade. Pensemos um pouco: todos nós conhecemos famílias com irmãos divididos, que discutiram; peçamos ao Senhor por estas famílias — talvez na nossa família haja alguns casos — que as ajude a reunir os irmãos, a reconstruir a família. A fraternidade não se deve interromper, porque, quando se interrompe, verifica-se o que aconteceu com Caim e Abel. Quando o Senhor pergunta a Caim onde estava o seu irmão, ele responde: «Não

sei, não me interessa pelo meu irmão!» Isto é desagradável, é algo muito doloroso de ouvir. Nas nossas preces, oremos sempre pelos irmãos que se dividiram.

AUDIÊNCIA GERAL, 18 DE FEVEREIRO DE 2015

O valor do sangue de Abel

Caim e Abel são irmãos. Provêm ambos do mesmo ventre, são iguais em dignidade e criados à imagem e semelhança de Deus; mas a sua fraternidade de criaturas quebra-se. «Caim não só não suporta o seu irmão Abel, mas mata-o por inveja.» E assim o fratricídio torna-se a forma de traição, sendo a rejeição, por parte de Caim, da fraternidade de Abel a primeira rutura nas relações familiares de fraternidade, solidariedade e respeito mútuo.

Então Deus intervém para chamar o homem à responsabilidade para com o seu semelhante, precisamente como fizera quando Adão e Eva, os primeiros pais, quebraram a comunhão com o Criador. «O Senhor disse a Caim: “Onde está o teu irmão Abel?” Caim respondeu: “Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?” O Senhor replicou: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim”» (*Gn 4, 9–10*).

Caim diz que não sabe o que aconteceu ao seu irmão, diz que não é o seu guardião. Não se sente responsável pela sua vida, pelo seu destino. Não se sente envolvido. É-lhe indiferente o seu irmão, apesar de ambos estarem ligados pela origem comum. Que tristeza! Que drama fraterno, familiar, humano! Esta é a primeira manifestação da indiferença entre irmãos. Deus, ao contrário, não é indiferente: o sangue de Abel tem grande valor aos seus olhos e pede contas dele a Caim. Assim, Deus revela-Se, desde o início da humanidade, como Aquele que se interessa pelo destino do homem.

DIA MUNDIAL DA PAZ, 1 DE JANEIRO DE 2016

OS HOMENS E AS MULHERES DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO



São muitos os protagonistas dos textos sagrados do cristianismo: homens e mulheres que indicam, ainda hoje, os caminhos da fé e da esperança. São verdadeiros faróis de luz, guiando os crentes com as suas palavras.




Neste livro do Papa Francisco, elaborado através da recolha de homílias e intervenções suas, ficará a conhecer melhor alguns destes «amigos do Senhor», conseguindo, ao mesmo tempo, interiorizar inúmeros ensinamentos que lhe permitirão enfrentar o caminho que ainda tem de percorrer na vida. Aqui conseguirá confirmar a confiança de Abraão e Moisés ao responder ao chamamento do Senhor; aprenderá a pedir perdão através do exemplo de David; testemunhará a abnegação de José, que deixa de parte o seu projeto de vida em detrimento de uma missão maior; viverá a história de Maria, que escuta e diz «sim» ao Senhor; e irá sentir conforto na história de Paulo, que de perseguidor de cristãos se tornou apóstolo de Cristo, buscando a comunhão entre os seres humanos.

O Papa Francisco deixa aqui um convite aos fiéis para redescobrir a Bíblia e para acolher a mensagem que Deus confiou ao seu povo.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Religião

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789895649655



9 789895 649655 >